

O ARTÍSTICO, O POLÍTICO E O URBANO NA EXPERIÊNCIA DO PROJETO ARTE/CIDADE EM SÃO PAULO

The Artistic, the politic and the urban in Project Arte/Cidade experience in São Paulo

Gabriel Girnos Elias de Souza

Arquiteto e Urbanista, Mestre em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP)

Professor e coordenador do Curso de Design da Universidade Estadual de Maringá

Resumo

Esta comunicação comenta algumas questões relativas a arte e política a partir da experiência desenvolvida pelo Projeto Arte/Cidade em na cidade de São Paulo, entre os anos de 1994 e 2002. O texto apresenta, em termos bem gerais, o projeto como um todo em suas características de iniciativa cultural de grandes exposições e intervenções artísticas em espaço urbano. Depois, concentra-se na última edição de Arte/Cidade em São Paulo, Arte/Cidade Zona Leste, focando especificamente as colaborações entre artistas e grupos marginalizados ocorridas nela e o que se pode refletir a partir destas sobre iniciativas colaborativas de arte contemporânea no mundo cotidiano.

Palavras-chave: Arte urbana; Políticas culturais; Marginalidade urbana

Abstract

This paper comments some questions about art and politics from the experience developed by the Arte/Cidade Project in the city of São Paulo, between the years of 1994 and 2002. The text presents, in general terms, the project as a whole in its characteristics as a cultural initiative of great expositions and artistic interventions in urban space. Then the paper approaches the last edition of Arte/Cidade in the city of São Paulo, Arte/Cidade Zona Leste, specifically focusing the contributions between guests artists and marginalized groups of society that occurred in the event, and what can be thought from them about collaborative enterprises of contemporary art in the daily world.

Keywords: Urban art; Cultural Politics; Urban Marginality

O conjunto das quatro primeiras edições do Projeto Arte/Cidade, ocorridas em São Paulo entre os anos de 1994 e 2002, pode ser considerado

sem exagero a maior, mais ambiciosa e mais noticiada iniciativa de intervenção artística em espaço urbano já realizada no Brasil. A trajetória desse projeto cultural na capital paulista formou um conjunto extremamente abrangente e multifacetado, objeto fértil a partir do qual discutir questões da produção artística contemporânea — em especial, as relações entre arte, cidade e política que têm se desenrolado nas últimas décadas. Estas foram as relações que se procurou abordar na pesquisa de mestrado *Percepções e Intervenções na Metrópole: a experiência do Projeto Arte/Cidade em São Paulo (1994-2002)*. Esta comunicação, entre outros escritos, faz parte de um esforço de divulgação de seus resultados.

Antes de continuar, é necessário frisar aqui duas coisas, relativas ao recorte do objeto: a primeira é que o Projeto Arte/Cidade ainda permanece em andamento; a segunda é que seu formato, proposta e locação mudaram tanto nos últimos anos — saindo de São Paulo e adquirindo uma escala que não poderia mais ser chamada de “urbana”, mas territorial — que seria seguro ver pouco prejuízo em tratar a o período recortado de 1994 a 2002 como uma espécie de ciclo encerrado. Dito isto, será feita aqui uma rápida caracterização dessa experiência, para depois nos centrarmos no que seria seu momento mais instigante do ponto de vista de uma elaboração política da cidade a partir da arte.

Idealizado e coordenado pelo filósofo e curador Nelson Brissac Peixoto, Arte/Cidade caracterizou-se pela ocupação artística temporária de espaços urbanos degradados e/ou em processo de transição com obras “site-specific” feitas especialmente nesses locais. Nesse intento, seus quatro eventos mobilizaram ampla participação e colaboração de artistas de renome e profissionais variados (artistas plásticos, músicos, fotógrafos, *videomakers*, arquitetos, filósofos, cientistas sociais, historiadores, jornalistas, engenheiros) e incluíram atividades como *workshops*, ciclos de debates, exposições secundárias, documentários e publicações diversas. Todos se constituíram também a partir de um amplo apoio institucional e receberam na época uma atenção enorme por parte da imprensa e de intelectuais. Porém, a despeito dessa semelhança geral, as edições do projeto distinguiram-se muito em temas, locais, participações e mesmo nas dimensões de empreitada e de espaço urbano envolvidas.

As duas primeiras exposições, nomeadas *Cidade sem Janelas* e *a Cidade e seus Fluxos*, ocorreram em 1994: a primeira ocupou o edifício abandonado do Matadouro Central da Vila Mariana; a segunda ocorreu em três edifícios e no espaço público do Vale do Anhangabaú, enfocando a dissolução da experiência e subjetividade em meio aos fluxos contemporâneos da cidade e das mídias eletrônicas.

A terceira mostra, *A Cidade e suas Histórias*, foi concluída em 1997 e teve como cenário a estrada de ferro da cidade e dois parques industriais abandonados às margens dela, adotando como tema a degradação urbana e a amnésia histórica paulistana. Tratou-se de uma exposição muito maior e mais complexa que as anteriores, com direito a um trem especial reformado e reservado para a visita dos sítios.

A quarta edição, *Arte/Cidade Zona Leste*, foi terminada em 2002 e foi a maior de todas, incluindo pela primeira vez participantes estrangeiros e intervindo em diversos locais da zona leste de São Paulo. Procurando tomar a dinâmica urbana da região inteira como seu assunto, o evento enfocou a desigualdade social, a informalidade e as reestruturações urbanas em andamento.

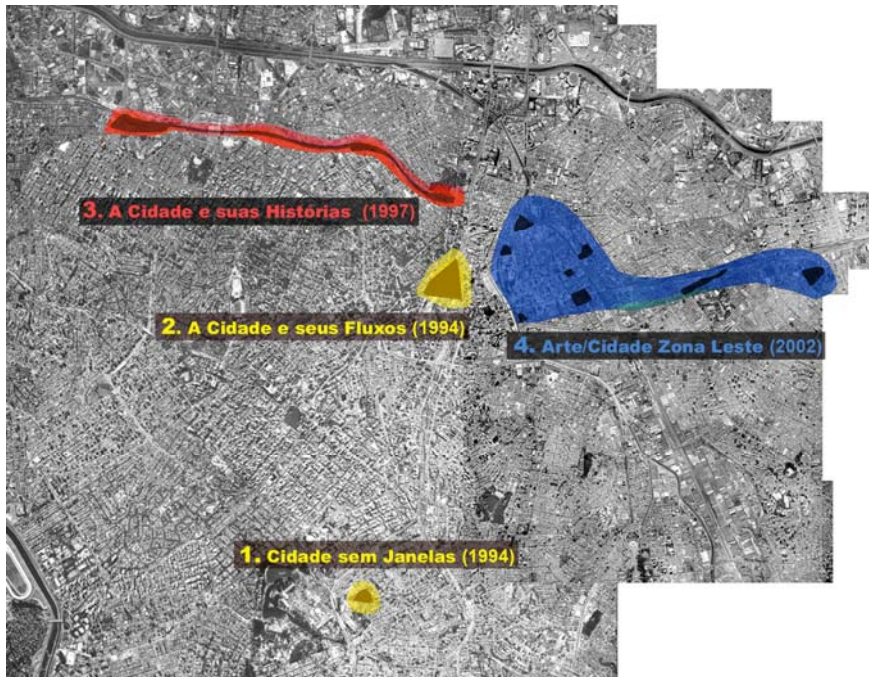


Figura 1: Localização geral aproximada das 4 edições de Arte/Cidade sobre fotomontagem aérea de São Paulo. Imagem editada pelo autor a partir de original do site <http://www.pucsp.br/artecidade>.

Feita essa caracterização inicial, é necessário frisar aqui que a diferenciação entre as edições não se tratou de simples progressão. Embora variações temáticas fossem uma idéia inicial do projeto, houve uma transformação considerável durante a sucessão dos eventos, a qual poderia ser chamada “política” em pelo menos dois sentidos: no sentido de mudança das condições *administrativas e institucionais* de viabilização do projeto; e no sentido de uma *política* do discurso e das operações artísticas do evento.

Do ponto de vista institucional, a trajetória do Projeto Arte/Cidade refletiu a transição de políticas culturais ocorridas na década de noventa. Suas duas primeiras edições foram gestadas como uma iniciativa especial da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo; as outras duas foram geridas por uma Associação, o “Grupo de Intervenção Urbana”, e se apoiaram nas leis de Incentivo Fiscal e na parceria com empresas e instituições, sendo a principal o SESC de São Paulo.

Do ponto de vista do discurso, Arte/Cidade começou como uma iniciativa cultural e institucional dedicada a questões de percepção e elaboração poética; a cidade serviria principalmente como referencial e material simbólico e plástico para produção de obras artísticas *site-specific*. Em seu desdobramento, porém, o projeto aproximou-se crescentemente de questões propriamente *urbanas*, tomando contato com situações e discursos cada vez mais complexos e intensificando o questionamento político e social da capital paulista.

Nessa progressão para o aspecto propriamente “urbano” e político da metrópole, o último evento — *Arte/Cidade Zona Leste* — pode ser visto como “vértice e ruptura” em relação aos eventos anteriores¹. No terceiro evento, *A Cidade e suas Histórias*, a escala desmedida e a complexidade das áreas fez com que o projeto tomasse um contato muito maior com os atores do espaço urbano — empresas, interesses imobiliários, infra-estrutura urbana, instâncias administrativas várias e mesmo populações marginalizadas. Todavia, estas questões não teriam entrado pelo evento senão pela “porta dos fundos”, como problemas práticos de realização da exposição. Arte/Cidade não possuiria ainda uma reflexão mais articulada a respeito dos processos em andamento na cidade, e nem de seu próprio possível impacto *urbano* em São Paulo como megaevento cultural².

¹ Apropriei-me aqui do termo usado por Ronaldo Brito em seu livro *Neoconcretismo: Vértice e Ruptura no projeto construtivo brasileiro* (São Paulo: Cosac Naify, 1999). Uso o termo aqui um tanto levemente, mas no sentido de indicar um momento que é tanto auge de um projeto quanto a superação de suas características anteriores.

² Para mais detalhes a respeito do terceiro Arte/Cidade e suas dificuldades práticas e teóricas com o espaço urbano de São Paulo, ver o quarto capítulo de SOUZA, 2006.

Tais questões, porém já fariam parte do próprio discurso curatorial de *Arte/Cidade Zona Leste*³. A curadoria do evento adotou a ambição inédita de articular através das intervenções uma leitura e uma discussão sobre a zona leste paulistana, assinalando *problemas sociais, características espaciais e processos de transformação* pelos quais a região estaria passando no contexto de “globalização” cultural e financeira de São Paulo na virada do milênio.

Com isto em mente, este texto se concentrará agora em um dos aspectos mais marcantes desse evento, sua dimensão de *crítica social*. Este aspecto, por um lado, foi um dos fatores que distanciou *Arte/Cidade Zona Leste* dos momentos anteriores do projeto *Arte/Cidade*; e, por outro, o aproximou de certas questões presentes na arte urbana mais “política” feita nos últimos anos em vários lugares do mundo.

Esse enfoque novo esteve sem dúvida ligado à situação urbana enfocada: historicamente formada por bairros populares, a zona leste sempre encarnou um “outro” da metrópole paulistana. A região era marcada pela presença constante de camelôs, ambulantes, moradores de rua, favelados e ocupantes de edifícios abandonados: uma imensa população “seminômade” à margem da metrópole moderna e arrojada, os “outros” da “Cidade Mundial” empresarial e cultural próspera que parte de São Paulo desejava ser. Diante disso, o discurso de *Arte/Cidade Zona Leste* abordou São Paulo como uma cidade socialmente dividida e conflituosa, e boa parte de suas propostas de intervenção em espaço urbano voltaram-se justamente à populações informais e marginalizadas. Entre essas estavam incluídas tanto propostas de participantes brasileiros, como o Grupo Casa Blindada, quanto de “astros” estrangeiros de uma arte urbana mais politizada, como Krzysztof Wodiczko, Vito Acconci e Dennis Adams.

Para frisar a diferença representada por essa atitude, é preciso lembrar que no terceiro *Arte/Cidade* o trato com os ocupantes marginais das áreas de exposição teve dois aspectos separados e algo contraditórios: em primeiro lugar, a questão pragmática de como conseguir que estes saíssem temporariamente para permitir a realização do evento; em segundo lugar, as referências ambíguas que alguns trabalhos artísticos, como o de Cildo

³ O motivo dessa “autoconsciência” do projeto então está numa série de acontecimentos — tanto na cidade de São Paulo quanto internos ao *Arte/Cidade* — ocorridos durante o longo período de desenvolvimento da quarta exposição, que na verdade começou com um projeto internacional do Grupo de Intervenção Urbana em parceria com o Instituto Goethe, conhecido como Brasmitte. Para detalhes a respeito, ver SOUZA, 2006, pp. 193-199, pp. 209-220 e pp.222-225.

Meirelles⁴, fizeram às marcas da presença desses ocupantes nas áreas de intervenção.



Figura 2: Cildo Meireles, instalação no edifício do Moinho Central para *A Cidade e suas Histórias*, São Paulo, 1997. Fonte: Folha de São Paulo, 15/10/97.

Arte/Cidade Zona Leste, portanto, diferenciava-se muito do evento anterior no enfoque dado à cidade e à sociedade. E mais do que uma “denúncia” de problemas sociais, o que houve de mais interessante e novo no conjunto dos trabalhos foi seu caráter *propositivo* e sua busca de *diálogo e incorporação* dos meios de vida informais e populares nas intervenções. Ou seja: mais que simples demarcação da precariedade, tratava-se de entender e incorporar estrategicamente a interessante lógica de uso da cidade que essa

⁴ Meirelles fez referência irônica aos viciados em drogas que utilizavam o edifício abandonado do Moinho Central como esconderijo, construindo um enorme “cachimbo de crack” e “injetando” uma grade regular de seringas no chão.

precariedade obrigava. O campo da arte, por sua vez, seria visto como um meio privilegiado para esse tipo de experimentação e troca, devido à liberdade de invenção que lhe é socialmente conferido.

Obviamente, a interlocução de um projeto cultural da natureza de Arte/Cidade com as populações locais não foi simples. Mediado às vezes por O.N.G.s e entidades de assistência social, o diálogo possuiu altos e baixos, sendo infrutífero em alguns casos e ambivalente em outros. Mas pôde ocorrer com relativo sucesso em trabalhos como *Mera Vista Point*, feito pela dupla Maurício Dias e Walter Riedweg com os camelôs do Largo da Concórdia, ou no desenvolvimento do “veículo crítico” que Krzysztof Wodiczko idealizou para ser usado pelos catadores de papel.

Esse tipo de abordagem crítica e participativa significava uma mudança essencial dentro de Arte/Cidade — e uma novidade em meio às iniciativas artísticas de grande porte feitas no Brasil. A mudança relacionava-se certamente à participação de alguns expoentes artísticos mais politizados e dados a esse tipo de operação; mas também não pode ser dissociada da crescente presença de iniciativas artísticas de crítica social no circuito mundial das artes. É preciso ter em mente que práticas participativas e politicamente críticas já se estabeleciam como uma “tendência”, ainda que não estivessem ainda tão estabelecidas como estariam em anos seguintes. Autores como Miwon Kwon (2002) apontam que nessa época já se consagrava no mundo das artes um certo “ativismo conciliatório” que por vezes beirava o assistencialismo, expresso em uma abordagem de questões sociais através de estratégias participativas envolvendo justamente artistas estrangeiros itinerantes trabalhando com “comunidades” de terceiro mundo (OLIVEIRA, 2006, p.2).

No entanto, pode-se dar às iniciativas de *Arte/Cidade Zona Leste* o crédito de não se resumirem a isso. Os ditos excluídos da zona leste, afinal, não foram encarados a partir de perspectivas culturalistas e comunitárias; algumas propostas, como o equipamento para moradores de rua de Vito Acconci, não acenariam para nenhuma “conciliação” possível, mas antes para o incômodo e o choque.



Figura 3: Vito Acconci: *Equipamento para moradores de rua*. Viaduto do Largo Glicério, São Paulo, Arte/Cidade Zona Leste, 2002. Fonte: arquivo Arte/Cidade.

Como é comum entre iniciativas artísticas, Arte/Cidade sempre procurou se caracterizar como iniciativa crítica. Contudo, o fundo conceitual de *Arte/Cidade Zona Leste* estaria muito diferente e mais articulado que o das exposições anteriores no que se refere a questões-chave como a própria concepção de cidade, arte e “espaço público”.

Pesado o conjunto de depoimentos e discursos em torno do Projeto Arte/Cidade entre 1994 e 1997, pode-se considerar que a recepção e construção das três primeiras edições se vinculariam, de forma até inconsciente, a idéias “harmoniosas” da esfera pública e da cidade, bem como a idéias “transcendentes” de arte. A atitude do projeto então acabaria por tratar a cidade como um *patrimônio comum*, cujos espaços esquecidos seriam reservatórios de valor cultural e estético a ser elaborado e evidenciado pela *arte*. No limite, pode-se ver nisso até a idéia subjacente de uma dimensão estética redentora, acima dos conflitos da sociedade, que poderia resgatar o *bem comum* da esfera mesquinha da mercadoria, do cotidiano e da desigualdade.

Arte Cidade Zona Leste, por outro lado, já se aproximaria *conscientemente* de uma concepção conflituosa de cidade e espaço público, na qual a posição da cultura e da arte não poderia ser vista como “neutra” ou “democratizante”. Assim, no plano do discurso e de certas obras do evento, o papel “apaziguador” de reunir e ressemantizar a cidade para além de sua dimensão utilitária foi *declaradamente negado* à arte. Em contraponto, enfatizou-se o potencial desta de

formular *outras práticas e criar espaços de debate, conscientemente inserida num contexto de forças, interesses e discursos.*

Todavia, se o discurso do evento adotou essa idéia em suas publicações e declarações à imprensa, o desenvolvimento, realização e recepção das intervenções de *Arte Cidade Zona Leste* mostrou a existência de dificuldades em concretizar ou sustentar críticas e interlocuções em um evento artístico dessa natureza. Tais dificuldades, um possível alerta para experiências semelhantes, são o assunto final desta fala.

Por um lado, haveria uma dificuldade de se manter um diálogo efetivo com os grupos marginalizados visados pelas propostas de *Arte/Cidade Zona Leste* aqui citadas — principalmente levando-se em conta que, com o fim do evento, o diálogo e as intervenções iriam cessar. Por outro, há questão da recepção do público: trabalhos mais polêmicos como o de Acconci ocasionaram muitas críticas à “exposição humilhante” de populações carentes. Embora muitas destas críticas sejam superficiais, existem indagações pertinentes sobre os limites e deficiências das realizações de *Arte/Cidade Zona Leste*. Num contexto social brasileiro, caracterizado pela permissividade à extrema desigualdade social, é relevante questionar o quanto certas obras poderiam tornar-se não instrumentos de choque social, mas antes alimento involuntário para um *voyeurismo* de classe média, para um olhar “pitoresco” ou “assistencialista”⁵.

Nesses casos é sempre necessário considerar com cuidado a função politicamente “paliativa” que a cultura tem adquirido, em especial quando falamos de um ambiente de pobreza e desigualdade institucionalizadas como o Brasil. Houve certamente compreensões de teor assistencialista sobre *Arte/Cidade Zona Leste*, incluindo clichês como “dar voz aos excluídos” ou “levar arte para quem não tem”. Por outro lado, houve de fato quem julgasse obras como as de Wodiczko ou Acconci como propostas efetivas de política pública para catadores e mendigos — o que *não eram*.

Em vista de seus resultados, é possível considerar que a crítica política buscada por *Arte/Cidade Zona Leste* se equilibraria numa posição ambígua e delicada, tensionada entre os “extremos” do assistencialismo, da estetização, do ativismo e do “vanguardismo”. O evento não poderia ser “definido” por nenhum desses pólos; mas foi em grande medida interpretado, julgado e *viabilizado* a partir da simpatia ou ojeriza que cada um deles desperta em investidores, artistas e público.

⁵ Essa questão a respeito de *Arte/Cidade Zona Leste* foi levantada originalmente por RUFINONI, 2003.

Para uma série de autores — entre eles, por exemplo, a crítica norte-americana Rosalyn Deutsche — o desafio necessário colocado para quem queira explorar questões políticas por meio da arte urbana estaria não tanto em tentar veicular um dado conteúdo crítico, mas sim em construir através da intervenção um *espaço público de debate*. No caso do envolvimento com pessoas mais à margem da sociedade, envolveria trabalhar de maneira pela qual os ditos “excluídos” conseguissem deixar de ser apenas “assunto”, para trabalharem como interlocutores ativos. Todavia, o caso de Arte/Cidade aponta para as inevitáveis ambivalências do “mundo artístico” perante esse desafio.

Para encerrar esta fala, assinalo dois aspectos dessas ambivalências. Um é o do *formato artístico*: o caso de Arte/Cidade indica que o formato do *grande evento* pode catalisar maiores recursos, abrangência e evidência pública para uma determinada atividade, mas por outro lado também traz consigo exigências, pressões e lógicas que são mais pragmáticas — e mais “espetaculares”, às vezes — do que propriamente “artísticas”, as quais que podem sobrepor-se à intenção crítica. O outro aspecto relaciona-se à antiga aporia da autonomia artística: o paradoxo de se construir e abrigar uma intervenção crítica no “mundo da vida cotidiana” sob os signos da “Arte” e da “Cultura”. Pois estes signos ambíguos, se por um lado permitem estrategicamente maior liberdade de invenção e intervenção no cotidiano, também podem se tornar moldura estetizante da realidade e substituto paliativo da ação política.

Referências bibliográficas

- DEUTSCHE, Rosalyn. *Evictions: Art and Spatial Politics*. Cambridge: The MIT Press, 1996.
- KWON, Miwon. *One Place after another: site-specific art and locational identity*. Cambridge: The MIT Press, 2002.
- OLIVEIRA, L.S. de (2006). *Arte e comunidade na fronteira entre dois mundos: colaboração e identidade nos projetos de Althea Thauberger, Javier Téllez e Maurycy Gomulicki no InSite_05*. Anais do I Seminário Arte e Cidade, 23 a 26 de maio, Salvador, BA. (cd-rom). Salvador: UFBA.
- PEIXOTO, N. B. *As Máquinas de Guerra contra os Aparelhos de Captura*. São Paulo: Garilli, 2002.
- _____. *Intervenções Urbanas: Arte/Cidade*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- RANCIÈRE, J. (2005). “A política da arte e seus paradoxos contemporâneos”. Serviço Social do Comércio - São Paulo, <http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=3562&ParamEnd=4> (consulta 25/04/2006).

RUFINONI, P. R. (2003). “Arte/Cidade Zona Leste: viagem pitoresca à São Paulo modernista”. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP)

<http://www.fflch.usp.br/df/geral3/priscila.html> (consulta 20/09/2005).

SOUZA, G. G. E. de. *Percepções e Intervenções na Metrópole: a experiência do Projeto Arte/Cidade em São Paulo (1994/2002)*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos, 2006.